



CASA BRANCA DE GRAMIDO

*Dedicado às famílias de moradores que a partir
de 1970 residiram nesta casa histórica e aos
alunos que aqui frequentaram a escola.*

29 de junho de 2019

CASA BRANCA DE GRAMIDO

.....
**No dia 29 de junho de 2019
assinalam-se 172 anos em
que foi assinado este
tratado de paz.**
.....

Imponente, na marginal de Valbom, em Gondomar, está o edifício onde se assinou, em 1847, a Convenção de Gramido, documento que pôs fim às guerras entre liberais e absolutistas e às sublevações populares que ficaram conhecidas como Maria da Fonte e Patuleia. Foi esse o acontecimento que colocou a Casa Branca na história do nosso país.





O edifício, classificado desde 2002 como imóvel de interesse público, é um solar do século XVIII que, durante o século XIX, foi armazém de cereais comercializados pelos «Cazas Brancas», proprietários da casa.

Em 1989 a Câmara Municipal de Gondomar adquiriu o solar e, em 2008, recuperou-o no âmbito do Programa Polis, segundo o projeto do reconhecido atelier de arquitetura Barbosa & Guimarães. Atualmente, a Casa Branca de Gramido abre as portas à população com um programa cultural diversificado que passa por tertúlias, apontamentos musicais e exposições temáticas. Conta ainda com uma Loja Interativa de Turismo Interativo e serviço educativo de apoio às atividades dirigidas aos mais jovens.

1989

A Câmara Municipal de Gondomar adquiriu o solar

2002

Classificado como imóvel de interesse público

2008

Requalificação do imóvel no âmbito do Programa Polis



A OCUPAÇÃO DA CASA

A Casa Branca de Gramido é constituída por duas casas distintas, uma perpendicular a EN108, seguramente do século XVIII, e uma outra mais recente, já de inícios do século XIX.

A sua primeira função terá estado relacionada com a agricultura, uma vez que a casa mais antiga apresenta uma tipologia

tipicamente rural. Já o edifício mais recente, de inícios do século XIX, apresenta uma tipologia mais urbana, possuindo cantarias em granito com algum requinte.

No início do século XIX pertencia a António Martins de Araújo, que era tenente do Exército.

Na monografia “O concelho de Gondomar”, de 1936, Camilo de Oliveira diz-nos que, em 1847, a casa pertencia a Francisco Martins de Oliveira. Francisco e os irmãos, conhecidos pelos “Casas Brancas”. Esta informação é confirmada pelas Memórias Paroquiais de 1758, que nos dão a informação que Gramido tinha

no terceiro quartel do século XVIII, um cais onde os barcos paravam para descarregar os cereais.

“(...)e só as barcas que do Alto Douro vêm carregadas de trigo costumam abordar na paragem chamada Gramido, que fica na Aldeia de Valbom de Baixo, onde descarregam pela comodidade que têm de o reconduzirem por terra ao lugar de Valongo, distante desta freguesia duas léguas e onde se fornea o pão que vai em cargas para a cidade do Porto.”

No dia 29 de junho de 1847, a Casa Branca de Gramido estaria no seu auge e serviu de palco à assinatura do último Tratado de Paz de Portugal a Convenção de Gramido.

O mapa da Real Academia de Ciências, com o título “Planta do Porto e suas Vizinhanças”, datado de 1833, abrange a freguesia de Valbom e tem como único edifício representado junto ao Rio Douro a Casa Branca de Gramido, podemos assim confirmar a importância deste edifício, nesta altura e a sua escolha para assinar a Convenção de Gramido.





Já durante o século XX, mais precisamente em 1945, a Casa Branca de Gramido pertencia à Sr^a D. Maria Pinto Ribeiro, residente em Quintã, como demonstra o seguinte texto que Camilo de Oliveira publicou no jornal *Vitória*, de 4 de agosto de 1945:

“a 29 de Junho de 1847 foi assinada a “Convenção de Gramido” na Casa Branca, numa sala, que fica por cima da porta de entrada, virada ao Nascente. No granito da referida porta, está gravada a data de 1802, a indicar a data de construção; pertencia em 1847 a Francisco Martins de Oliveira. Este Francisco e irmãos, conhecidos pelos “Casas Brancas”, eram grandes comerciantes de trigo, cujos armazéns tinham no fundo da casa.

Muito conhecidos pela sua força, conta-se que traziam, debaixo de cada braço, da praia para cima, cinco razas de trigo e erguiam meia pipa e bebiam pelo burneiro. A atual possuidora, Sr^a D. Maria Pinto Ribeiro, residente em Quintã, conta que os seus pais, referindo-se à men-



cionada sala, diziam: - Foi ali que se fez a paz. Esta sala está hoje dividida em dois quartos”.

Sabemos também através deste texto que o nome atual da Casa resulta da alcunha pela qual eram conhecidos os seus proprietários e não pela cor das suas paredes exteriores.

Não podemos precisar quando esta casa deixou de ser residência dos seus proprietários e passou a ter inquilinos, mas os primeiros habitantes (inquilinos) da Casa Branca continuaram muito ligados ao rio Douro, dele faziam a sua principal atividade, pois transportavam pessoas e mercadorias (o rio era o principal meio

de transporte) e dedicavam-se à pesca.

Na altura da construção da estrada marginal (Nacional 108), verificou-se uma maior afluência de pessoas à Casa Branca, pela comodidade que tinham de estar perto do trabalho.

A ocupação da casa foi passando de pais para filhos na maior parte das vezes até ao fim da sua ocupação.

Em data que não conseguimos precisar, possivelmente durante a década de setenta, ocorreu um incêndio na Casa Branca, destruindo-a parcialmente e obrigando ao realojamento dos seus moradores.

Segundo os dados do processo de realojamento dos moradores, realizado pelas assistentes sociais da Câmara Municipal de Gondomar, o conjunto estava transformado numa “ilha” onde habitavam 13 famílias, totalizando 40 moradores, e uma loja de vinho.

Nesta altura os habitantes tinham profissões muito diversificadas, a maioria trabalhava na cidade do Porto e, embora o rio Douro já não garantisse o sustento a estas famílias, está neles muito enraizado, quer por tradição, quer por proximidade.

Em 28 de julho de 1989, a Câmara Municipal de Gondomar compra a casa à Sr^a D. Rosa Branca Moutinho, residente em Quintã.

Nesta altura a casa estava muito degradada, muito alterada, possuía diferentes entradas, devido ao número de famílias que aí haviam residido, havia varandas transformadas em cozinhas e em espaços de higiene pessoal.

Atendendo ao seu valor histórico e ao seu importante papel na memória local e regional, a Câmara Municipal de Gondomar solicita ao Ministério da Cultura, em 1980, a classificação da Casa Branca. Este processo só termina em 2002 com a atribuição de imóvel de interesse público.





.....
As obras de recuperação da casa foram efetuadas entre 2005 e 2006
.....

As obras de recuperação da casa foram efetuadas entre 2005 e 2006 tendo sido demolidos os acrescentos à traça original da casa e tendo como objetivo conferir-lhe um papel de potenciador do desenvolvimento local. Em 31 de maio de 2008 a Casa Branca é finalmente inaugurada.

Atualmente a Casa Branca de Gramido é um polo cultural da Câmara Municipal de Gondomar, alberga a Loja Interativa do Turismo, bem como exposições, tertúlias, e pequenos concertos musicais.

Casa Branca de Gramido

O Programa Polis em Gondomar requalificou a margem ribeirinha do Douro, colocando a Casa Branca no ponto central da área intervencionada. As alterações paisagísticas transformaram esta área outrora descaracterizada numa zona com elevado potencial turístico, cultural e desportivo, devolvendo-a à fruição pela população.

A sua importância histórica e localização privilegiada sobre o Douro justificaram a implementação da Loja Interactiva de Turismo de Gondomar em 2014. Neste equipamento poderá visitar o espólio municipal de Ourivesaria e Filigrana, entre outras exposições temporárias.

TRAVESSA CONVENÇÃO DE GRAMIDO, 41
4420-416 VALBOM

HORÁRIO:

VERÃO (JUN. A SET.): 10H00 - 13H00 / 14H00 - 18H00

INVERNO (OUT. A MAI.): 09H30 - 13H00 / 14H00 - 17H30

MARCAÇÃO DE VISITAS:

turismo@cm-gondomar.pt

CASA BRANCA DE GRAMIDO
CAMARA MUNICIPAL DE GONDOMAR



portogal

LOJA
INTERACTIVA
DE TURISMO
GONDOMAR

INTERACTIVE TOURISM STORE
LOJA DE TURISMO INTERACTIVA
OFFICE DE TOURISME INTERACTIF
INTERAKTIVES TOURISMUSGE

DN2



GONDOMAR

é Douro

MUNICÍPIO DE GONDOMAR